



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PERFORMANCE FEMININA NA ESFERA PÚBLICA E RELIGIOSA:
Transformando Relações e Representações**

**Rio de Janeiro – Seropédica
2015**

PERFORMANCE FEMININA NA ESFERA PÚBLICA E RELIGIOSA:
Transformando Relações e Representações

Como resgate da trajetória de luta dos movimentos femininos nacionais, ressalvo as três ondas de feminismo, que foi nomeado assim pelos estudos acadêmicos e analíticos sobre a temática. Houve o movimento de emancipação do século XIX que prioritariamente condizia com a luta pelo sufrágio e pela condição da mulher para sair ao trabalho. Em um segundo momento, na década de 70 do século XX, houve os movimentos de mulheres pela anistia e pela envolta desaprovação do sistema totalitário da ditadura militar. Na década de 90, outra onda que resultou em discutir fragmentos que surgiram nas outras ondas, mas não tinham sido aprofundadas... Críticas ao movimento universal feminino, começou a fazer parte e ter representação por escritoras como Judith Butler. Começa então a proposta de um tipo de desconstrução das teorias feministas e suas representações que categorizam de modo binário e reducionista, o feminino/masculino. Tem-se então o olhar voltado para as posições políticas quem vem formando a trajetória histórica da emancipação feminina, através da sobrevivência das mulheres pelas narrativas. Sabendo a priori que: o aumento da participação das mulheres na política e/ou em atividades nos espaços públicos, nem sempre é sinônimo de um encontro com a autonomia feminina.

Em comparação à proposta de estudo, podemos observar as ocorrências dos movimentos dos feminismos islâmicos e árabes, onde uma variável de ondas foram construindo a 'noção de emancipação' das mulheres, alcançado formas de posição na sociedade e impacto na vida social e política como; direitos civis, releituras religiosa, participação em frentes de libertação nacional, e sendo assim, movimentos que também tem categorias de discussão diferenciada do feminismo encontrado no ocidente. Essas variações, esse misto de ideais refletidos em formas de luta, fazem parte da expressão de inserção da modernidade nos discursos e representações das mulheres no mundo contemporâneo. Havendo relações, convergências, divergências e controvérsias nesses mundos de luta feminina.

Partindo da discussão conceitual da problemática teórica da secularização, onde o fluxo de coisas, as ações, os fatos, as crenças e as instituições, passam a ser compreendidos somente pela subordinação ao direito civil, o movimento que se baseou numa tendência intelectual cientificista, se dobra a lógica pela razão e pelo positivismo, tendendo em ideais e teorias sociais de desenvolvimentismo, cabendo aí a noção de desencantamento weberiana. Na sociologia da religião como um diverso campo com variáveis simbólicas representativas e com disposições que se desdobram com os eventos fenomenológicos, causais, históricos e correlacionais ao universo social, se redescobrimo na virada do século XX, houve uma necessidade de novas análises a cerca dessa operação de 'desencantamento do mundo'. Havendo então, uma diversidade teórica, que avalia esse fenômeno de formas diferentes.

A partir de hipóteses derivadas das teorias de secularização, proponho um olhar para a [pós]secularização como a 'teoria que dá conta da situação da religião no mundo moderno' (Tschaannen 1992:8, Giumbelli), será aqui proposto a discussão do estatuto da religião como instituição da modernidade.

Nos **novos movimentos religiosos** então, surgem e se encontram direcionamentos sobre as questões como os direitos humanos, questões da paz global, o meio ambiente e também o bem-estar do indivíduo, a crença na ciência e a adaptação ao mundo tecnológico, fundamentalismo religioso, e no caso específico que pretendo abordar: a crítica ao feminismo institucionalizado ocidental e universal.

1.1. Gênero e Religião

Na área das Ciências Humanas, o desenvolvimento de uma análise feminista das religiões que tomou conta das diferentes formas pelas quais as relações entre os sexos moldam práticas, representações e discursos religiosos, demorou a acontecer [ROSADO, 2001], mas se tornou objeto de estudo as formas de representações e os discursos religiosos. Estudos sobre a relação mulher e religião causam um problema de caráter teórico-metodológico; a

realidade religiosa não se questionava ao ponto de olhar as diferentes relações sociais causadas entre os sexos.

Busco encontrar através da mídia, como codificadora e condicionadora dos processos de deslocamento social, um redimensionando dos processos ritualísticos da sociedade. A mídia nesse sentido de análise, como detentora de um ritual de massa, passa a ocupar o papel de dimensionar comportamentos que se encontram presentes em diversas camadas sociais e regiões do nosso país.

Até os anos noventa, era predominante encontrado na literatura sócio-antropológica sobre o campo religioso brasileiro, de forma característica dos pentecostais um posicionamento político apático e uma ideologia de forma generalizada opressora para as mulheres. Houve então uma mobilização, um tipo de ativismo partidário religioso, no período de redemocratização nacional, onde a consolidação do pluralismo emergiu e se intensificou entre os grupos religiosos. Com a participação estratégica de religiosos na bancada da constituinte e comissões de cultura e educação. Sendo assim, houve um impacto de grupos seculares atuando na estruturação de novas políticas relativas a movimentos de libertação modernos: laicidade, pluralidade e direitos humanos.

Daí tiveram mudanças expressivas na figuração do papel da religião na modernidade e participação política. No campo da ordem de gênero, pesquisas sobre os efeitos da adesão religiosa nas relações de gênero revelariam as ambiguidades da comunidade de crenças, que ajudaria a fortalecer a auto-estima e o processo de individuação das mulheres em relação aos homens (Machado, 1996). Há uma complexidade na relação do pentecostalismo com as mulheres, na esfera que tange o alinhamento temporal dessas políticas, com o crescimento das candidaturas femininas, sugerindo então, um alinhamento das lideranças religiosas com a preocupação contemporânea de se provocar estímulos da presença feminina no jogo político (Machado, 2002).

Com todo esse cenário de reavaliação do jurídico, das posições e de um fundamentalismo versus o pluralismo, temos uma reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã. Com isso, a questão levantada é que tipo de

movimento é esse que projeta lideranças femininas em um cenário onde mulheres estão adquirindo poder representativo e simbólico. Poder de emancipação e posição historicamente inovada.

Na história do feminismo nacional entre as décadas de 60/70, era demarcado como atuante na configuração de luta feminina ou movimento de mulheres, que se posicionavam contra o sistema totalitário da ditadura.

1.2. Secularismo e a Transformação Social Ocidental

A secularização como processo histórico, constrói a adesão de valores seculares como um projeto de transformação social. Uma ideologia fortemente desenvolvida, que necessita de um esforço investigativo, por ter especificidade em países de origem colonizadora. Devemos então procurar os sentidos e papéis que essas distintas ideologias secularistas proporcionam na formação do imaginário social de seus estados-nação e assim, como se relacionam com os reflexos religiosos que emergem em cada sociedade (Birman, 2012).

Seguindo com a ideia de uma sequência de sentidos e reflexos que o processo colonizador forneceu para suas colônias, evoco a categoria *violência* para categorizar os processos de transformações que as populações e os atores religiosos atuam como protagonistas.

A categoria “violência” aumentou a sua abrangência e seus sentidos e se impôs como uma das justificativas centrais para reordenações necessárias dos espaços da cidade, desdobrando-se em políticas de repressão, de controle, de vigilância e também de medidas sócio-morais dos sujeitos que seriam seus alvos preferenciais. As mediações promovidas pelos atores religiosos no tratamento do “problema da violência” se desenvolveram ao longo desse processo e integraram os debates e também alguns dos dispositivos engendrados para governar a cidade, seus conflitos e suas populações. [Birman, 2012]

Patrícia Birman, em sua argumentação teórica, constrói a noção sobre 'a religião como o *cimento* necessário de uma nação'. Mostrando como o projeto secular pode ter diversas interpretações, porém ressaltando qual dessas é a escolhida para elucidar sua análise teórica. Um secularismo tolerante e democrático, estaria aberto para a religião como representante da esfera pública e assim, foi conduzida por um movimento com intelectuais e movimentos marxistas que passaram a ser dominantes a partir dos anos 60. Além da proximidade e referência dos países da América Latina com a Teologia da Libertação, havia então, um movimento de construção e tentativas para superar o tema da violência. Sendo assim, o secularismo como ideologia do estado, abandona a visão contrária à religião. A partir do horizonte iniciado pelo Movimento contra fome e pela construção de cidadania, a *paz* foi relacionada à *espiritualidade*, ao *bem-estar social*, à assistência pública e privada e a uma série de projetos a cerca de *direitos sociais*.

O ordenamento político deste movimento buscou elaborar seus rituais de modo a valorizar *uma demanda secular pelo religioso* como forma de fazer a bandeira da paz presente em toda a cidade. Especialistas em produção do sagrado e em formas simbólicas, os religiosos, se uniram a especialistas leigos em performances rituais, como artistas plásticos, músicos, diretores de teatro. O ritual, ao congregar a população para além dos conflitos sociais e políticos que atravessaram seus grupos e movimentos, visou alcançar dois objetivos: um de suspensão do cotidiano e outro de neutralização de seus conflitos. A demarcação clara entre a esfera secular e religiosa permitia atribuir a esta última o poder de congregar o que a política e a violência separavam. [Birman, 2012]

1.3. Objeto e a análise:

O objetivo então é trazer como foco de análise, o Ministério Profetizando as Nações da pastora e cantora Fernanda Brum, que atua no cenário cristão protestante e vem demarcando uma atuação nesse processo dos movimentos sociais e assistencialistas, que fornecem uma estrutura de políticas públicas para os indivíduos que recebem o apoio e se instruem a partir dos direcionamentos do projeto evangelístico. Nesse estudo, volto o olhar para a apropriação da mídia como veículo de redimensionamento dos processos ritualísticos da sociedade. A mídia como codificadora e condicionadora dos processos de deslocamento social.

Dentro desse movimento, vem sendo movido um direcionamento para as necessidades sociais femininas, onde as mulheres encontram suporte para os dilemas estruturais como violência doméstica e falta de posição social.

Como metodologia de análise, a proposta é trabalhar com idas a campo, que seria ter o contato com shows, eventos sociais, palestras, ação social com ONG e patrocinado por governo do estado. Em conjunto, um campo virtual, buscando um acervo de informações das ações e depoimentos dos usuários da assistência. Tudo sob a esfera de atuação de um movimento religioso que atinge o sentido de espiritualização e pacificação dos grupos sociais, como forma de políticas públicas, de forma operante perante o Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MACHADO, Maria das Dores. *Gênero, Religião e Política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro*. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 4, n. 4, p.125-148, out 2002

GIUMBELLI, Emerson. (2002), *O fim da religião*. Rio de Janeiro: Attar Editorial.

BIRMAN, Patrícia. *Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro*. 216 Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 209-226, 2012.

MONTEIRO, Paula. *Controvérsias Religiosas e Esfera Pública: REPENSANDO AS RELIGIÕES COMO DISCURSO*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

BUTLER, Judith. *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Estudos Feministas 163, Ano 10 – 1º semestre 2002.

LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(2): 304, maio-agosto/2014